

O Entrefigurar-se da Palavra no Tempo

Vivian Carla Calixto dos Santos



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Resumo

Neste artigo serão trazidas reflexões que integram estudos realizados numa pesquisa de pós-graduação em educação, em desenvolvimento, na UNESP - Rio Claro. Serão enfocados, a partir de uma carta manuscrita há mais de um século, aspectos ligados à linguagem, em sua articulação com o tempo, segundo o pensamento de Agostinho, retomado por Paul Ricoeur e Jorge Larrosa. Em sua função narrativa, a linguagem nem sempre revela, mas, antes, sugere, insinua; em seu entrefigurar-se, a palavra amplia sentidos que não se ancoram em margens aparentes, mas que dão a conhecer uma terceira margem. Tais observações possibilitaram um diálogo entre o texto da carta e o texto ficcional "A terceira margem do rio", de João Guimarães Rosa, que resultaram em considerações, também expostas neste trabalho.

Palavras-chave: Linguagem; Narrativa; Tempo; Cartas.

Words - the way they look like in time

Abstract

In this work a letter written more than a hundred years ago is focused and allows a study on aspects connected to language, in its articulation with time. For such purpose, the approach on the theme of authors as St Augustine, rescued by Paul Ricoeur, and Jorge Larrosa will be brought and let us think about language in its narrative dimension, that suggests, more than reveals, and enlarges senses not anchored in apparent borders. In this way, an approach with the story "The third margin of the river" is also proposed.

Key words: Language; Time; Narrative; Letters.

San 23 de Agosto de 1852

M. A. Henrique

E' incerta ' irko m'vri ' u me amon
 re. u'ni h'ida m'vri' u'vce u'vce
 - Non omnia u'vri' - e'vri' de a
 m'vri' Horace

Tenho j'vri' de Rio. Bahia. - Per
 nambeu. que u'v' imp'vri'vri'.
 segun'v' v'vri' v'vri' - e'vri'vri' v'vri'
 p'vri'vri' u'v' casca'

E' v'vri'vri' v'vri' " Non v'vri'
 ga v'vri'vri'.

Alis. u'v'vri' v'vri' d'vri'vri'.

v'vri' p'vri'vri' v'vri'vri'.

v'vri' v'vri'vri' v'vri'vri'.

Exata. de v'vri'vri' de
 p'vri'vri' v'vri' p'vri'vri' " v'vri' v'vri' "

Q'vri' v'vri' que v'vri' de v'vri' v'vri'
 v'vri' v'vri'vri'vri' v'vri' v'vri'vri' v'vri'
 v'vri' v'vri'vri'vri' v'vri'vri'vri' v'vri'
 que v'vri' p'vri' v'vri'vri'vri'vri' v'vri'
 v'vri'vri'vri'vri' v'vri'vri'vri' v'vri'
 v'vri' v'vri' v'vri'vri'vri'vri'vri'vri'.

TRANSCRIÇÃO DA CARTA ILUSTRADA ACIMA

Paris 23 de agosto de 1862.

Ant. A. Henrique

É mentira! Não morri! Nem morro, nem hei morrer nunca mais

– Non omnis moriar – como dis o mestre Horacio.

Tenho jornaes do Rio, Bahia, e Pernambuco, que me emprestarão, e segundo todos elles – Mortens est puntus em caixão!

E necrológicas então?! Um collega escreveu:

Levo u´um accesso d´amor,

Ao poeta soberano

[...] oceano

Trata-se da minha defunctissima pessoa! Passa fóra!

O caso é que depois do meu infausto passamento, vou passando sem maior novidade. Aconselhão-me que vá para o estabelecimento hydrotherapico de Marienbad. Partirei breve. No entanto, escreve-me, quando não tiveres muita preguiça para qualquer das nossas ligações em Paris ou Bruxelas.

Desejo muito a confecção mais completa que se puder arranjar de notícias fúnebres, necrológicas ou o que se houver publicado acerca da minha morte. Corta o que me disser respeito, escreva à margem o nome do jornal, dia e lugar da publicação, e sobrescripto com tudo isso para a minha falecida pessoa.

Quero faser um album – negro:

Lembrança a todos, de- me notícias suas,

[...] aceita um abraço

G.Dias

Ele cintilava ausente, aconteceu. Pois. E mais nada.

João Guimarães Rosa

A carta focalizada neste artigo, elemento disparador das reflexões acerca da linguagem que serão aqui apresentadas, foi copiada do manuscrito original, localizado no Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”, em Rio Claro – SP, quando da coleta de material para uma pesquisa de mestrado em Educação, que vem sendo desenvolvida na UNESP – Rio Claro – SP, em que as

cartas de pessoas “comuns” se constituem como principal objeto de estudo.

A princípio, nos chamou a atenção a data em que essa carta foi escrita - há cento e quarenta e cinco anos -, isto a converteu numa promessa de encontro com um tempo e um mundo de outrora... Mas se num primeiro instante essa carta lembrara uma janela por onde olharíamos o passado, em seguida ela se afigurou como uma mensagem inacessível, pela ilegibilidade de sua grafia: conseguíamos ler palavras, mas com elas não éramos capazes de elaborar um sentido. Diante do obstáculo, fomos estudando a caligrafia do autor, associando os sinais gráficos que se repetiam, conseguindo ler algumas palavras a partir de outras, decifrando...

A decifração gradativa do texto foi nos retirando do desconhecimento de seu conteúdo, e nos mergulhando, de outro lado, em mistérios vários: alguns ligados à procedência do texto, identidades do autor e destinatário e condições em que foi produzido; outros, advindos de seu conteúdo inusitado, que colocou em segundo plano o tempo cronológico que tanto nos chamara a atenção num primeiro momento.

Pelas instigações que trouxe, essa carta nos pareceu suficientemente relevante como imagem de escrita a ser focalizada no “Sarau de Imagens”, que integrou o programa do III SEMINÁRIO LINGUAGENS – POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO – EDUCAÇÃO¹ e a posterior elaboração deste trabalho. Ressalte-se, contudo, que a escolha dessa imagem não se deu de forma ordenada ou previsível, mas, pelo suscitar de inquietações que fizeram lembrar movimentos engendrados por Kairós, irmão de Cronos, ambos filhos de Aion - a eternidade, o grande tempo...

Cronos e Kairós estão em constante conflito. Enquanto Cronos, dançarino, realiza movimentos cíclicos, periódicos, numa coreografia decomponível, analisável, imitável, cujos passos e gestos são modelo de regularidade e repetibilidade do tempo, Kairós é saltador e acrobata: seus movimentos apresentam unicidade e totalidade, desafio e irrepetibilidade, risco, engajamento, aventura... O primeiro cria e governa o mundo, que Kairós aniquila, para recriá-lo à sua vontade... (MOUTSOPOULOS, 1993, apud CÉSAR, 2007, p. 22). Esta alusão ao mito de Kairós se faz presente aqui não apenas porque as diversas leituras da carta foram nos afastando de uma perspectiva cronológica, como também pelas

¹ II SEMINÁRIO LINGUAGENS – POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO – EDUCAÇÃO realizado pelo GEP Linguagens, no dia 21/11/2007, no Instituto de Biociências – UNESP – Rio Claro.

reflexões que possibilitaram, ligadas, nos parece, a um tempo kaírico, como se verá mais adiante.

Sobre o contexto em que a carta foi escrita, até o momento, nada foi possível apurar. A funcionária responsável pelos documentos que integram o acervo do museu nos informou que além esse e outros documentos já se encontravam no museu desde que ela começou a trabalhar lá, há quase trinta anos, sem qualquer catalogação. Ela e outros funcionários organizaram um livro de registro desse material, mas nenhum deles sabe precisar sua origem. Tampouco se encontra no museu o envelope em que a carta foi postada, nem sabemos se foi remetida diretamente para Rio Claro. Como o texto epistolar em questão menciona jornais da época em que foi escrito, é possível que façamos, num próximo momento, pesquisa sobre os (não) acontecimentos que o remetente narra nos referidos jornais e outras fontes de pesquisa.

Assim, sabemos apenas o que nos informa o texto: Do destinatário, provavelmente um amigo (a) do remetente, alguém que tem preguiça de escrever. Do remetente, que se trata de pessoa letrada, num tempo em que isso era privilégio de uma classe mais favorecida, é uma pessoa de notoriedade, já que a notícia sobre o seu falecimento saiu em jornais de diversas províncias; aparenta apreciar poesia, já que cita Horácio e é ele mesmo, provavelmente, um escritor de poesia, pois a ele se referem como poeta, como se vê num trecho da carta.

Não temos, portanto, meios para verificar a veracidade do que conta o autor desse texto, mas se ele perde algum valor do ponto de vista historiográfico, persistem as possibilidades para pensarmos questões ligadas à história, na medida em que “o passado, concebido como a soma do que efetivamente aconteceu, está fora do alcance do historiador” (RICOEUR, 1994, p. 141, Tomo I), sendo a sua reconstituição possível somente pela imaginação. Se pensarmos, por exemplo, na História que nos chega da Grécia Antiga, de onde emergem figuras como as de Hesíodo e Homero, iremos perceber que o que se sabe do modo de vida daquele povo se deve em grande parte a textos, quase sempre poéticos, tomados como indicadores da época em que foram elaborados e/ou registrados.

Guardadas as proporções em relação aos exemplos citados, queremos esclarecer que sabemos do prejuízo para o entendimento de um texto, quando tomado fora de seu contexto, mas que procuraremos contemporizar essa virtual perda com a literariedade do texto enfocado, que se afigurou como um texto “vivo”, cuja leitura nos remeteu com intensidade para a leitura de outro, ficcional, “A Terceira Margem do Rio”, de João Guimarães Rosa. Falaremos a seguir sobre

essa leitura, não sem antes ponderar que a aproximação de um texto ficcional com outro histórico não é incompatível, se considerarmos que a ficção pode se inspirar na história, tanto quanto a história na ficção... (RICOEUR, 1994, p. 125, Tomo I).

Aquilo que não havia, aconteceu.
(J. Guimarães Rosa)

Nada do que esperávamos encontrar na leitura da carta aqui enfocada se confirmou. O contexto histórico, o modo de vida do remetente, sua relação com o destinatário, nenhum elemento em que pudéssemos repousar nossa ânsia por tocar o desconhecido, apenas o encontro com o desconhecido mesmo. O estranhamento causado e seu inequívoco desconforto foram nos impulsionando para uma busca de algo que pudesse minimizar o confronto com o inesperado. Talvez, por isso, tenha se delineado em nossa lembrança, em meio às várias leituras que fizemos da carta, a sensação provocada pelo conto de João Guimarães Rosa, “A Terceira Margem do Rio”.

Lançar um olhar para o estranhamento comum aos dois textos é o que procuraremos, sem a pretensão de responder às questões que daí possam emergir, mas buscando, nesta aproximação, pontos de confluência com a linguagem e a escrita epistolar, que, apesar de aparentemente presa a um protocolo – data, saudação, texto, despedida e assinatura – viabiliza a comunicação de temas os mais variados, formal ou informalmente.

Diante do inexplicável, do diferente, do anormal, a História nos mostra, as sociedades recorrem ao termo louco, doido, para definir o que foge dos padrões e parâmetros estabelecidos. Sabedor da estranheza do que conta em “A Terceira margem do Rio”, o autor do conto alerta para a inocuidade de se classificar o diferente: “Ninguém é doido. Ou, então, todos”. Desta forma, ele nos tira a possibilidade da resolução fácil de rotular e nos acomodar, ou mesmo de resolver o mistério proposto. Daí visualizamos uma possível aproximação com a leitura da carta aqui destacada: como na carta, a “experiência de “A Terceira margem do rio” subverte os limites perceptivos que distinguem o familiar do estranho, o real do alucinatório, o vivo do morto, e o racional do louco”. (GINZBURG, 2000, p. 287).

Assim, a leitura dos dois textos nos deixa em meio a... Surpresas..., Indagações... (Re) Leituras... Invenções? Tal como o pai, no conto “só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa...” ficamos nós, leitores, imersos nesta terceira margem, de onde antevemos, nos dois textos, uma presença ausente. A presença de alguém

que foi para além. Da morte? Da vida entre os seus? Do cotidiano? O pai, no conto, e o poeta, na carta, não mais partilham o tempo ordenado; o primeiro se cala para sempre e passa a viver na memória de seu filho, que narra a estória. Deixa de existir pela linguagem falada... Embora visível, ele emudece, “sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala”. O autor da carta fala de si, reafirma sua existência, mas também o faz na inacessibilidade de ser visto ou tocado.

Talvez possamos falar, nos referindo aos dois textos, de um desaparecimento do sujeito para o social que, no entanto, constrói singularidades por meio de uma presença silenciosa, ou da ausência que comunica pela transgressão, atingindo o outro pelo interdito, pelo que não é, pelo jogo luz/sombra, enunciação/silêncio, ilusão/realidade. Assim, tanto a personagem do conto, como o autor da carta fazem, por meio de palavras, ou pela ausência delas, uma partilha de suas experiências, caso contrário, não se deixariam localizar, partiriam para o “não encontrável”.

Deixemos por um instante o conto para olharmos para a carta e a possibilidade que esta traz na concretização de um eu ausente que se faz presente por meio dela, já que “o traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegura o que há de mais doce na presença: reencontrar. (Sêneca apud FOUCAULT, 1983) Há no texto epistolar que enfocamos fortemente a materialização desse eu que escreve, já que essa carta noticia justamente o fato de seu autor estar vivo. Pela correspondência, o remetente se torna re vivificado para o destinatário, não apenas porque nela ele desmente sua morte, mas também porque

A carta enquanto objeto pragmático que vale, aos olhos do receptor, como representante metonímico do expedidor, realiza bem, antes mesmo de ser lida (ou melhor, antes de ser simplesmente aberta), uma quase colocação em presença “real” dos parceiros da comunicação. (LANDOWSKI, 2002, p. 176)

Por sua materialidade e pelo discurso que porta, essa carta se configura como um acontecimento da linguagem, em que a experiência do autor é compartilhada com o destinatário, já que

O acontecimento completo é não apenas que alguém tome a palavra e dirija-se a um interlocutor, é também que ambicione levar à linguagem e partilhar com outro uma nova experiência. É essa experiência que, por sua vez, tem o mundo como horizonte. (RICOEUR, 1994, p. 119, Tomo I)

Há ainda em ambos os textos a força da imprensa, da palavra escrita e tornada pública. Na carta, o signatário fala dos jornais que lhe emprestaram e que tratavam de sua pretensa morte. Além disso, ele solicita ao destinatário que recorte e lhe envie tudo o que houver sido publicado a seu respeito, para que ele possa fazer um álbum. No conto, há referência clara a um assédio da imprensa e sua tentativa, frustrada, de fotografar o pai. Essa presença da palavra publicada nos permite lembrar a variedade e quantidade de impressos e mais recentemente, de *sites*, que veiculam idéias, sentimentos, posicionamentos em todo o mundo. Somos atravessados por uma vasta gama de textos todo o tempo, não apenas escritos, mas também imagéticos e falados. Nossa própria linguagem é prene das interações - conflituosas ou não - que temos com esses textos (BAKHTIN, 1981). No conto e na carta, a personagem e o remetente estão ocultos. O pai se esconde e, de alguma forma, o autor da carta, também. Poderíamos dizer daí que a vida escapa às tentativas de enquadrá-la, esquadrinhá-la, ou mesmo retratá-la?

Por fim, não deixa de ser curioso verificar que tanto a personagem no conto, como o autor da carta são atraídos pela água. O primeiro se deixa ficar numa canoa, no meio do rio, enquanto o segundo menciona uma iminente viagem para uma estância hidroterápica.

Fonte de vida, a água é também disforme e, por sua fluidez, metafórica em muitos textos o tempo que passa incessantemente. Neste sentido, deixar-se ficar no rio, fundar outra margem é subverter o tempo, inaugurar instâncias de existência diversas das previsíveis... Sobre esta relação entre tempo e linguagem trataremos a seguir.

A vida era só o demoramento.

(J. Guimarães Rosa)

Existimos no tempo, esta é a tônica da carta que destacamos, assunto abordado do começo ao fim do texto pelo remetente. Sua declaração de repúdio à morte - que ele parece sentir prazer em ludibriar - se dá de forma enfática e conta com as palavras de Horácio, citado em latim, para legitimá-la, "Non omnino moriar: Non morrerei inteiramente, meus feitos permanecerão"². Isto expressa não apenas a preocupação do autor com a finitude da vida, mas a necessidade

² A tradução da expressão latina encontra-se no site: <http://www.gontijo-fam> – acesso em 30.10.2007.

que o ser humano em geral sempre teve e tem de vencer a morte, de se perpetuar, de viver eternamente. De algum modo, a garantia da eternidade, que não se dissocia, por contraste, da temporalidade. O tempo da vida em oposição ao infinito...

Percebemos a vida, seres temporais que somos, como uma consecução de acontecimentos que passam: nossas brincadeiras de infância, nossa vida escolar, nossos relacionamentos pessoais são algumas das coisas que nos ocorrem, que vão compondo nossa história e nos constituindo como sujeitos únicos, que nos dão a conhecer a nós mesmos, isto é, que nos permitem ter uma consciência de quem somos. Nossa autoconsciência é então no presente o resultado de recordações do que já vivemos de forma significativa. Não lembramos de todo o nosso passado, mas do que, ao passar, nos tocou, nos afetou. O tempo não é externo a nós, mas, segundo as idéias de Santo Agostinho, retomadas por Paul Ricoeur, é medido na alma: são as impressões deixadas na alma pelas coisas que passam, que medimos. Neste sentido, só o presente existe, pois o passado já não é e o futuro ainda não é: “O presente do passado é a memória, o presente do presente é a visão, o presente do futuro é a espera”. (AGOSTINHO, apud RICOEUR, 1994, p. 30, Tomo I)

Assim resumido, o pensamento de Agostinho oculta uma articulação com a linguagem que se torna mais definida na medida em que nos aproximamos da narrativa: recordamos e contamos aos outros e a nós mesmos o que nos passa, falamos sobre experiências significativas que temos no tempo, e para isto utilizamos estratégias de ficção:

Recordar es algo que nosotros hacemos y para lo que necesitamos la oportunidad, el concurso de la imaginacion y la habilidad de la composicion. Por eso, la recolección tiene la forma de una narración desde un punto pasado hasta el presente en función de um punto de vista que la hace significativa. (LARROSA, 1996, p. 466)

Para dizer quem somos recorreremos então à linguagem, ordenamos acontecimentos vividos, narramos:

El tiempo de nuestras vidas es, entonces, tiempo narrado; es el tiempo articulado en una historia; es la historia de nosotros mismos tal como somos capaces de imaginarla, de interpretarla, de contarla y de contar(nos)la. (LARROSA, 1996, p. 467)

Mas não apenas o passado é inserido neste modo narrativo de viver o tempo, como o futuro também o é, na medida em que é antecipado pelas imagens, pelos vestígios deixados em nossa memória, que se oferecem como causas e decifradores do que está por vir.

Graças a uma espera presente que as coisas futuras estão presentes em nós como porvir. A espera é análoga à memória. Consiste numa imagem que já existe no sentido de que precede o evento que ainda não é; mas essa imagem não é uma impressão deixada pelas coisas passadas, mas um “sinal” e uma “causa” das coisas futuras que assim são antecipadas, pré-percebidas, anunciadas, preditas, proclamadas antecipadamente. (RICOEUR, 1994, p. 27, TOMO I)

Ricoeur segue resgatando as inquietações de Agostinho com relação ao tempo e à eternidade e conclui com este que as imagens, vestígios impressos na alma, caracterizam um tempo presente tríplice, que não tem extensão, sendo a memória o presente do passado, o presente do presente, a visão e o presente do futuro, a espera. (RICOEUR, 1994, p.28, TOMO I) É na alma, segundo Agostinho, que se mede o tempo, pelos movimentos de intenção e distensão: a primeira trata da atividade intencional, que faz o futuro passar para o passado; a segunda, em contrapartida, se caracteriza pela passividade, pela marca que sofre a alma em decorrência da atividade narrativa realizada, que se dá no contraste entre as tensões da espera, lembrança e atenção. (RICOEUR, 1994, p. 40, TOMO I).

Se comparada ao presente eterno de Deus, o tríplice presente - a distensão da alma - se apresenta falha, mas por outro lado, torna-se como que uma imagem do presente eterno de Deus em nós (GAGNEBIN, 1997, p. 78).

As reflexões precedentes tiveram aqui o objetivo de deixar ver o entrelaçamento entre tempo e linguagem, a partir do conteúdo disparador da carta que enfocamos. Não pretendemos com isso, obviamente, solucionar os binômios - morte/vida, finitude/eternidade, palavra/silêncio -, mas trazer a idéia de que pela linguagem narrativa expressamos temporalidades que subvertem a linearidade cronológica e possibilitam a criação de sentidos outros:

O fazer narrativo re-significa o mundo na sua dimensão temporal, na medida em que contar, recitar, é refazer a ação segundo o convite do poema[...] (RICOEUR, 1996, p, 124, Tomo I)

Consideramos então a linguagem não como reveladora de um sentido,

mas, antes, como aquela que sugere, insinua; que não ancora sentidos em margens aparentes, mas permite conhecer uma terceira margem... A carta aqui focalizada, figura de escrita que traz marcas inequívocas do tempo - sua cor amarelecida, a caligrafia desuniforme deixada pela caneta tinteiro, os rasgos reparados com fita adesiva -, nos possibilita adentrar os domínios de Kairós, em que “a temporalidade e o pensamento se encontram, onde o tempo objetivo do mundo encontra a subjetividade do homem”, (CÉSAR, 2007, p. 20) e, acrescentaríamos, onde a palavra pode ser vislumbrada em seu entrefigurar-se...

Referências

- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- CÉSAR, C. M. *Kairós: O Conceito-Chave da Filosofia*. In: Hermes. Número 12. São Paulo: Sedes Sapientiae, 2007.
- FOUCAULT, M. *A escrita de Si*. 1983. In: *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.
- GAGNEBIN, J.M. *Dizer o tempo*. In: Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GINZBURG, J. *A melancolia em a terceira margem do rio; “Veredas de Rosa”* – Anais do Seminário Internacional Guimarães Rosa; Belo Horizonte: PUC – Minas, 2000.
- LANDOWSKI, E. *Presenças do Outro: Ensaios de Sociossemiótica*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. SP: Perspectiva, 2002.
- LARROSA, J. *La experiencia de la lectura. Estudios sobre Literatura y Formación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1996.
- RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa*. Tomos I e II. Trad. Constança Marcondes César. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- ROSA, J. G. *A terceira margem do rio*. In: Primeiras histórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- <http://www.gontijo-fam> – acesso em 30.10.2007.

Enviado em jan./2009

Aprovado em abr./2009

Vivian Carla Calixto dos Santos
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação
do Instituto de Biociências da UNESP - Universidade
Estadual Paulista - Campus de Rio Claro
E-mail: vivccs@gmail.com
